

MARCELO HENRIQUE PFEIL GOMES PEREIRA

A ESCOLA DE MÚSICA VILLA LÓBOS
E SEUS PÓLOS AVANÇADOS

RIO DE JANEIRO
2003

MARCELO HENRIQUE PFEIL GOMES PEREIRA

A ESCOLA DE MÚSICA VILLA LOBOS
E SEUS PÓLOS AVANÇADOS

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
em Educação Artística com Habilitação em Música
da Universidade do Rio de Janeiro como requisito
para obtenção do grau de graduação em Música,
orientada pelo professor Ricardo Ventura

RIO DE JANEIRO
2003

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL
CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA COM HABILITAÇÃO E MÚSICA

MARCELO HENRIQUE PFEIL GOMES PEREIRA

A ESCOLA DE MÚSICA VILLA LOBOS
E SEUS PÓLOS AVANÇADOS

Trabalho apresentado à disciplina
Monografia, como requisito de avaliação
orientado pelo professor Ricardo Ventura

A ESCOLA DE MÚSICA VILLA LOBOS
E SEUS PÓLOS AVANÇADOS

Avaliado por:

Professora Mônica Duarte

Data : ___ / ___ / ___

RIO DE JANEIRO
2003

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha esposa, pelo carinho, inspiração e companheirismo, à minha mãe e aos meus irmãos pelo incentivo e aos meus alunos pela reciclagem diária.

Pela amizade, pelo grau de excelência e seriedade agradeço aos meus professores da Uni Rio

Dedico este trabalho à memória de meu pai,
homem sábio e bom que tanto se dedicou ao magistério
e à vida acadêmica.

"No peito de quem deseja fazer algo novo, as forças do hábito se levantam e testemunham contra o projeto em embrião.

É portanto necessário uma forma de vontade nova e de outra espécie para arrancar, dentre o trabalho e a lida com as ocupações diárias, oportunidades e tempo para conceber e elaborar a combinação nova, e resolver olhá-la como uma possibilidade real e não meramente como um sonho .

Essa liberdade pressupõe um grande excedente de força sobre a demanda cotidiana e é algo peculiar e raro por natureza."

SCHUMPETER

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A ESCOLA DE MÚSICA VILLA LOBOS	12
1.1 Histórico	
1.2 Instalações	
1.3 Ideologia Pedagógica	
1.4 Corpo Discente	
1.4.1 Processo de Seleção	
1.5 Corpo Docente	
CAPÍTULO 2 - CURSOS OFERECIDOS	17
2.1 Curso de Nível Técnico/ Profissionalizante de 2º Grau	
2.2 Curso Básico.	
2.3 Atividades Extra Curriculares	
CAPÍTULO 3 - PARALELO ENTRE O CURSO BÁSICO E ALGUNS AUTORES	22
3.1 Koellreutter	
3.2 Regina Márcia Simões Santos	
3.3 Antônio Madureira	
3.4 Murray Schafer	
3.5 Violeta Hemsy de Gainza	
CAPÍTULO 4 UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DA LINGUAGEM MUSICAL ATRAVÉS DA IMPROVISACÃO	29

CAPÍTULO 5 PÓLOS AVANÇADOS	34
5.1 Pólos Avançados Experimentais	
5.2 Pólos Avançados Atuais	
5.2.1 Incentivo Vindo da MPB	
5.2.2 Maior Pólo Avançado	
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXOS- Reportagens de Jornal	42

INTRODUÇÃO

O ponto gerador e motivacional do tema desta monografia, remonta ao ano de 2001, quando concomitante à disciplina Processos de Musicalização (PROM), sob orientação da professora Regina Márcia Simões, tive a oportunidade de cursar a disciplina Prática de Ensino (PRE), sob orientação do professor José Nunes.

Tal atividade cognitiva dentro da Universidade, a luz de muita reflexão, sobre diversas correntes de pensamento, se estende para dentro da uma sala de aula de uma Escola Municipal (Albert Schweitzer) sob forma de "aula de música".

É neste momento, que muitos alunos repensam a Universidade, e além de a reconhecerem como local de produção de conhecimento, vislumbram uma ligação direta entre ela e a atividade como docente, fora instituição. Fica portanto evidenciada duas vertentes, a de receptor e transmissor de conhecimento. Esta relação entre aprender e ensinar, se é que podemos separar as duas coisas, se torna muito fértil para nossa formação como educadores e músicos.

Alguns semestres mais tarde, durante as aulas de Monografia, com a professora Mônica Duarte, nos foi ressaltado a importância de se incluir em nossa dissertação aspectos referentes à nossa atividade profissional.

Ficou claro desde então que seria muito proveitoso nesta Monografia, fazer uma reflexão do trabalho desenvolvido pela Escola de Música Villa Lobos, onde me enquadro como docente dentro do projeto Pólos Avançados, e estabelecer paralelos entre as aulas de música dentro da instituição e alguns autores como Koellreutter, Regina Márcia Simões

Santos, Antônio Madureira, Murray Schafer e Violeta Hemsy De Gainza, entre outros, que na Uni Rio tive a oportunidade de melhor conhecer.

A escolha por determinados autores, se baseia no fato de que estes, contribuíram para que achássemos respostas aos vários questionamentos formulados, em decorrência de nossa atividade como docente, e a razão de um maior aprofundamento nas questões abordadas por Violeta Hemsy De Gainza, é de ordem meramente temática. Pensamos num maior aprofundamento para o tema improvisação, que de uma maneira conceitual pouco se escreve a respeito, salvo os livros que trazem idéias de frases musicais para determinados estilos.

O presente trabalho, no que concerne a Escola de Música Villa Lobos, aqui também tratada como E.M.V.L, visa um maior aprofundamento do Curso Básico, dado que o projeto de Pólos Avançados, segue tal regimento.

Temos como premissa apontar elementos de ordem sociocultural que evidenciem a eficiência e eficácia deste projeto, que data de 1996, justamente o ano da nova lei de diretrizes e bases (93.94 e 94.24).

Procuramos também investigar a possibilidade da existência de outras propostas pedagógicas, dentro de um ensino tradicional.

Como metodologia, utilizamos, além de consulta ao material bibliográfico, entrevista com alunos e professores, análise documental de relatórios, reportagens de jornal e Internet. .

CAPÍTULO 1

A ESCOLA DE MÚSICA VILLA LOBOS

1.1 HISTÓRICO

Em 1914, após anos de aperfeiçoamento em Berlim, as irmãs Suzanna, Sylvia Figueiredo e Helena, juntamente com a pianista Celina Rôxo fundavam a Escola de Música -Rôxo, na Avenida Rio Branco, onde a moderna técnica de ensino e execução pianística foi implementada.

Em meados dos anos 20, a professora Celina se desliga da sociedade por conta do seu casamento, votando anos depois como professora exclusivamente. Deste período em diante a instituição passou a chamar-se Escola Figueiredo.

Em 1934, houve a fusão da Escola com o Conservatório de Música do Distrito Federal por sugestão do compositor Oscar Lorenzo Fernandez, tal instituição passava a funcionar na Rua do Lavradio.

O Governo do Distrito Federal no intuito de criar uma escola popular de ensino musical, encampou o Conservatório estava criada pela lei 703 de 5 de junho de 1952, a Escola Popular de Educação Musical e Artística (EPEMA).

Nos primeiros anos de sua implementação, a Escola não teve endereço fixo, instalou-se, em seguida, na Rua Frei Caneca, na Praça XI (prédio do atual Liceu de Artes e Ofícios), Rua São Francisco Xavier (no antigo prédio da Escola Orsina da Fonseca) e Rua 20 de Abril, funcionando num velho casarão já demolido.

No final dos anos 60, fixa-se na Rua Ramalho Ortigão, sendo rebatizada de Instituto Villa-Lobos. Tal prédio, onde até hoje funciona a escola, fora construído para abrigar alguns dos convidados da Exposição de Paris, em 1910.

A Escola teve como seus primeiros diretores, os professores Carlos de Almeida, Cacilda Borges Barbosa e Alda Pereira Pinto.

Em 1975, tendo Aylton Escobar como diretor, a Escola recebeu a denominação atual.

Em 1979, sob a direção de Renault Pereira de Araújo, e a Coordenação Geral de Francisco Fernandes Filho, Escola tem como prioridade tornar-se instituição oficial de educação profissional, o que se deu em 1981 com a criação do Curso de Qualificação Profissional em Música, em nível de 2º grau, aprovado pelo Conselho Estadual de Educação.

Em seguida, teve como diretores Miguel Proença, Wilson Dantas, Ricardo Prado, Cirlei de Hollanda e Otávio Brandão, em gestões mais recentes tivemos Marcos Vinícius Cunha Nogueira e José Maria Braga, este último, ainda diretor.

1.2 INSTALAÇÕES

O prédio atual possui quatro pavimentos, sendo o primeiro destinado à biblioteca, recepção e sala de concerto de instrumento, o segundo para sala de diretoria, coordenação, sala de professores, salas de aula e estúdio de gravação, o terceiro pavimento possui salas de aula (vinte e duas), uma sala de inspetoria e uma sala de computadores, no quarto pavimento temos quatro salas de aula maiores que nos andares inferiores e uma lanchonete.

1.3 IDEOLOGIA PEDAGÓGICA

"Música é uma prerrogativa exclusiva do homem" (FUNARJ- EMVL- Regimento Interno, pag 2, 1998), este, se utiliza dela um bem.

Nesta relação, assume-se que o homem desfruta de um processo de linguagem, e possibilidades ideológicas, mentais e físicas, a cria como opção estética dos discursos sonoros, a constrói mediante o estabelecimento de sistemas, técnicas e normas organizacionais. Será com base nessa premissa, que musicalizar é o descobrir do próprio homem, este, tendo acesso à educação democratizada, sem nenhum vestígio de elitismo.

Koellreutter em "O ensino da música num mundo modificado" não mede esforços para dissociar a música de uma mera ornamentação de uma classe privilegiada, pelo contrário, torna-se ela fundamental dando suporte ao mundo tecnológico, onde sistemas de comunicação, economia e a própria tecnologia se correlacionam em uma mesma engrenagem.

O Plano Político e Pedagógico visa a autonomia do discente, para isto prevê:

Condições para que o educando desenvolva o pensamento reflexivo próprio, a crítica construtiva, o espírito de pesquisa e investigação e o senso de responsabilidade (FUNARJ-EMVL, Regulamentos e Programas, Art. 2 e3 ,1998)

Recomenda-se que o título de cada disciplina não seja encarado como item de exclusão, mas sim componente de um "todo musical".

Com base em nossa cultura ocidental, o curso básico privilegia, a música tonal, sem descartar totalmente o estudo de outros sistemas.

As aulas de instrumento devem congregam também todo o aprendizado estético, histórico e sistêmico da música visto nas demais disciplinas.

O nome tradicional "Teoria Musical", foi retirado do processo de transmissão.

O professor Ian Guest escreveu a esse respeito no prefácio da apostila Elementos da Música, do curso CIGAM defendendo que

O nome tradicional dado a esse estudo, embotado pelo uso e pelo mal uso, acabou ficando símbolo de sacrifício, obstáculo inevitável na conquista do domínio musical. "Teoria", nenhum termo seria mais impróprio para se aplicar à arte, expressão de liberdade (BERGAMINI e GOULART p.5, 1992)

Numa abordagem etimológica, baseado na Metafísica de Aristóteles, o termo teoria em grego (*theoria*) significa contemplação. O equivalente do verbo *theoreo* (contemplar) em latim é o verbo *specio*, daí o verbo especular e o substantivo especulação, algo que se remete à investigação, inquietude, questionamento, ou seja, focos não estáticos que se movem em direção ao aprimoramento, uma idéia distante do termo "teoria" a que Ian Guest se refere.

1.4 CORPO DISCENTE

Aproximadamente cinco mil e quinhentos alunos integram o corpo discente da Escola , sendo três mil alunos na sede e dois mil e quinhentos nos Pólos. Este número é constituído por pessoas das mais variadas faixas etárias e áreas de interesse.

1.4.1 O PROCESSO DE SELEÇÃO

O acesso à Escola é feito através de provas de seleção, que ocorrem a cada semestre do ano letivo (janeiro e julho). A primeira prova é escrita, sendo esta eliminatória para notas abaixo de 7.0, e pretende avaliar a percepção do candidato quanto a diferenças de intensidade, timbre, duração e altura, diferenças de ordem melódica, rítmica e harmônica além de diferenças de textura. Para os candidatos aprovados na prova escrita haverá uma segunda prova que avaliará o grau de apuração estética e condições psicomotoras através de memória auditiva, realização rítmica e melódica de um canto dado. Não há segunda chamada pra provas de ingresso.

1.5 CORPO DOCENTE

O Corpo Docente atual conta com mais de cento e sessenta professores, entre efetivos e convidados, que atuam nas mais variadas áreas do ensino musical, desenvolvendo currículos tanto de formação básica, para iniciantes, quanto de formação de profissionais de nível técnico.

O professor, seguindo as propostas das disciplinas, participará com a sua metodologia e atuará ideologicamente,

Os docentes incumbir-se-ão de: I- participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino. II- elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino. VI- colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade (A Reforma Do Ensino: Nova Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional, Lei 9394/1996, Art 13 incisos I e II e VI).

E que tudo por ele exposto tenha como diretriz, o pressuposto estético que rege o conceito Música.

CAPÍTULO 2

CURSOS OFERECIDOS

A Escola de Música Villa Lobos, pertencente à Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro, FUNARJ oferece dois cursos:

A Escola de Música Villa Lobos oferecerá dois cursos regularmente: o Profissional de Nível Técnico e o Profissional de Nível Básico...Devem preocupar-se com habilidades relativas à percepção e memórias auditivas, ...assumindo uma integração de caráter interdisciplinar... (FUNARJ-EMVL- Regimento Interno, Art. 43 e 44, 1998)

2.1 CURSO DE NÍVEL TÉCNICO/ PROFISSIONALIZANTE DE 2º GRAU

Inteiramente gratuito, oferece especialização em instrumento, regência, arranjo, editoração de partituras e sonorização, para tal, a escola já conta com um estúdio de gravação de áudio, e em breve também terá gravação de vídeo.

Para o ingresso, são exigidos proficiência instrumental e conhecimentos musicais prévios. Não há limites de idade para o ingresso.

2.2 CURSO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL BÁSICO

Indicado para aqueles que querem começar os estudos de música, ou mesmo destinado àqueles que pretendem amadurecer conhecimentos a *priori* adquiridos. Para tanto, não se exige conhecimento musical ou performance instrumental. É realizado em regime de curso livre e promovido em convênio com a Associação de Docentes, Músicos e Amigos da Escola de Música Villa Lobos, AMAVILLA, daí a necessidade de taxas de inscrição para a matrícula.

O curso básico engloba *Musicalização Infanto-Juvenil* para crianças entre 8 e 13 anos, já funcionando como uma sondagem de aptidão para futura profissionalização, *Curso Básico* propriamente dito, este para alunos entre 13 e 30 anos; e *atividades para 3ª idade*, estas visando melhoria da qualidade de vida para alunos acima de 54 anos.

2.2.1 ESTRUTURA DO CURSO BÁSICO.

O Módulo I tem duração de dois semestres (168 h/a), e visa uma abordagem panorâmica da cultura musical (erudita, popular e folclórica). Pretende não só formar um ouvinte, crítico, consciente, orientado, capaz de uma performance instrumental mínima, como também colocar o aluno ciente de questões relativas à profissão de músico, caso queira se profissionalizar "...preparação de ensino atualizada e compatibilizada com a real demanda do mercado de trabalho."(FUNARJ- EMVL- regulamentos e programas, Art. 2 e 5 p.2 1998)

"A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e a prática social." (A Reforma do Ensino: Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/1996, Art 01 inciso II).

"O ensino médio...terá como finalidade a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando" (A Reforma Do Ensino: Nova Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/1996, Art 35 inciso II)

A grade curricular é dividida em 3 áreas:

Área de Musicologia: de caráter histórico-filosófico, se interessando esta pela concepção musical nos seus aspectos estéticos, histórico e cultural. Esta área abriga no primeiro módulo, a disciplina Panorama Musical (PAN I e PAN II), tendo como objeto de estudo a cultura brasileira, música Pop e Erudita, focalizadas sob um aspecto histórico e cultural.

Área de Sistemas: de caráter técnico, estuda a música em seus processos organizacionais como grafia, textura, morfologia e sintaxe. Possui no primeiro módulo a

disciplina *Leitura e Escrita Musical* (LEM I e LEM II) que visa identificar conceituar grafar, vivenciar e desenvolver a percepção dos elementos do discurso musical. Como matéria complementar temos *Prática Vocal* (PVO I e PVO II), que visa além da fixação do material trabalhado em LEM, um vivência estética por meio vocal.

Área de Performance: Visa o desenvolvimento da técnica instrumental e possui no primeiro módulo a disciplina *Laboratório de Instrumento* (LAB I e LAB II), que propõe o primeiro contato do aluno com o instrumento inserindo o discente no *fazer musical* sob os aspectos do conhecer e ouvir.

As aulas são tanto individuais ou em grupo (até quatro alunos), dado que o objetivo passa primeiro por musicalizar através do instrumento.

Os instrumentos são das áreas de teclado, percussão, sopros, cordas tangidas e cordas friccionadas. Como matéria complementar temos as *Oficinas de Música* (OFI I e OFI II), estas podem ser sob forma de palestra, workshop ou concerto didático, as quais o aluno terá presença obrigatória em pelo menos quatro delas.

O Módulo II tem duração de quatro semestres (248 h/a), e pretende ampliar, refinar e sedimentar princípios estéticos do discurso musical tratados no primeiro módulo, além de montagem de repertório e prática de conjunto.

Em sua Área de Musicologia possui a disciplina *Apreciação Musical* (APM I), que destaca princípios e características estéticas relevantes no discurso musical.

Ao descrever o ensino tradicional de música ou música centrada na matéria Swanwick, observa nesta linha que "O professor deve decidir o que é conveniente e passar adiante ..." (Swanwick, p.19, 1993) o autor prevê neste caso que os professores têm como meta encaminhar o aluno para a apreciação das práticas musicais consideradas, de uma maneira consensual, boas.

Nesta disciplina são abordados música modal, tonal, atonal, texturas, estilos e forma. O aluno fica incumbido de assistir a seminários que têm intenção de elucidar sob o desenvolvimento histórico da escuta humana na concepção estética da música ocidental.

Em sua Área de Sistemas temos Estruturação Musical (EMU I e EMU II), que nada mais é do que um aprofundamento dos conceitos lançados em LEM (Leitura e Escrita Musical), privilegiando o sentido estético que tais elementos representam. A disciplina Percepção Auditiva (PER I e PER II), visa estimular o reconhecimento de unidades melódicas e harmônicas, bem como suas inter-relações. Também nesta mesma área temos Harmonia (HAR I e HAR II), que sob o aspecto harmônico, estuda e técnica de composição discursiva tonal.

Em sua Área de Performance temos aula de instrumento (INS I, INS II, INS III e INS IV). São oferecidos os seguintes instrumentos: flauta transversa, oboé, clarineta, fagote, saxofone, trompa, trompete, trombone, tuba, percussão, bateria, piano, órgão, violão, guitarra, contrabaixo (elétrico e acústico), cavaquinho, bandolim, violino, viola, violoncelo e canto, neste último caso o aluno deverá ser maior de dezesseis anos e apresentar atestado de sanidade vocal. A partir do terceiro semestre do segundo Módulo, concomitante à aula de instrumento surge a disciplina Prática de Conjunto (PCO I e PCO II), que visa além do aprimoramento técnico, a socialização do docente para que este possa vislumbrar objetivos estéticos em conjunto, ampliando assim seu referencial.

Quando do comprimento do módulo II, supõe-se que o aluno seja capaz de, ainda que num nível básico, realizar um discurso musical simples, tendo domínio harmônico, formal e estético daquilo que foi apresentado.

2.3 ATIVIDADES EXTRA CURRICULARES

No intuito de tornar-se também um Centro Musical, a Escola promove atividades extra curriculares, e mantém núcleos de ópera, música popular, música barroca e música

contemporânea, além da Orquestra sinfônica que funciona como um laboratório de música para os alunos, onde os professores fazem parte da orquestra, tornando mais fácil o aprendizado.

A Escola possui também Orquestra de música popular, Orquestra de violões, Orquestra de pau e corda, Orquestra infantil, coro de câmara, coral infantil, coral infanto-juvenil, coral da terceira idade, banda sinfônica, conjunto de sopros, conjunto de música popular e o grupo de percussão feminino, este formado por 380 mulheres, com idade entre 8 e 30 anos. Diferente do que se vê nas baterias das escolas de samba do Rio, onde a presença feminina não passa dos 5%, o Grupo é considerado o maior grupo de percussão feminina do país.

Como incentivo à criatividade, realiza anualmente o Festvilla (festival da canção), o Musicon (mostra de música de conjunto), Encontro de Corais e Jornada de Música Popular.

A escola possui centro de pesquisa e documentação, com biblioteca, mesas de estudo, além de acesso à Internet, onde é preparado um espaço para consultas sobre cursos e acesso a histórico escolar.

CAPÍTULO 3

PARALELO ENTRE O CURSO BÁSICO E ALGUNS AUTORES

3.1 KOELLREUTTER

Uma das premissas da EMVL, como já foi citado, é situar o aluno em relação ao mercado de trabalho.

Koellreutter em "O ensino da música num mundo modificado" prevê o surgimento de uma educação artística onde o artista encare sua atividade como *arte aplicada*, esta pressupõe uma relação mais autêntica entre o estudo e a realidade, preparando o músico para que este, mesmo ainda na qualidade de discente, possa vislumbrar uma carreira de real relevância no mundo em que vivemos, ressaltando a importância da especialização, esta não desconectada, mas pertencente a "amplidão universal".

Neste exato momento nos deparamos com a *função social da música*, que não descarta, em absoluto o brilhantismo do virtuoso ou do "gênio", mas o convida para que sua arte seja aplicada ao trabalho, medicina, planejamento urbano, e não estacione nas clausuras *do escapismo*.

3.2 REGINA MÁRCIA SIMÕES SANTOS

Com relação ao discente inserido no "fazer musical" sob os aspectos do conhecer e ouvir, Regina Márcia Simões Santos defende que a aprendizagem musical é consequência do "fazer" aliado à atividade intuitiva; que a criação, antes de tudo não pode ficar a espera dos elementos convencionais, e requer uma atitude de pesquisa do próprio resultado, com

atividades lúdicas e especulações descompromissadas; sendo muito importante colocar o aluno, logo em primeira instância, face a face com seu instrumento, e que este resultado embrionário seja qualificado.

A aprendizagem musical se dá no próprio fazer, como atividade intuitiva (de nível pré-lógico) sobre o visto e o ouvido, auxiliada por mediadores como a palavra rítmica, a imagem visual, tátil e cinestésica (SANTOS Aprendizagem Musical Não Formal em Grupos Culturais Diversos". Caderno de estudo: educação musical p.10, São Paulo).

Todo esforço deve ser no sentido dar ao discente meios para que este possa ter a consciência de que a música não tem um fim na sua mera execução, segundo Regina Marcia, algumas as aulas tendem a focalizar "eventos culturais objetivando culminâncias que, embora altamente motivadoras, vêm em nome de um produto, sacrificando um processo" (SANTOS, Regina M. S. A Natureza da Aprendizagem Musical e suas Implicações Curriculares - análise comparativa de quatro métodos. Fundamentos da Educação Musical, Porto Alegre, p.7-112, junho 1994).

A autora observa que algumas instituições relegam professores à função de

festeiro, preparador de hinos; auxiliar pedagógico para fixação de conhecimentos de outras disciplinas; justificam o trabalho artístico e musical como momento de liberação emocional e/ou relaxamento para o desenvolvimento em processos cognitivos desenvolvidos em outras disciplinas do currículo (Idem, Ib).

3.3 ANTÔNIO MADUREIRA

Alinhado com este pensamento, e dando ênfase aos processos criativos onde a música acontece em primeira instância, Antônio Madureira, considera a educação musical não apenas um mero treinamento profissionalizante, mas sobretudo a elege como um elemento de formação humana e libertação do espírito.

O autor combate a mentalidade que enquadra a música com uma mera manifestação de pequenos e humildes grupos populares, e luta para que ela seja, de geração em geração, transmitida, assimilada e reelaborada, tornando-se um patrimônio adquirido.

Seguindo o exemplo da tradição dos grupos populares de transmissão de música através das gerações, Madureira, observou o que ali continha, e procurou sistematizar esse processo para que tal se adequasse à musicalização nas escolas. Sem se definir como um técnico em educação, mas um músico com intuito de colaborar com o ensino de música nas escolas, propõe a transmissão através da imitação de elementos que se repetem durante a composição e suas respectivas variações, tal processo pode evoluir e atingir a improvisação. Tais fragmentos musicais trabalhados deverão ter o respaldo do reconhecimento social no cotidiano do aluno, que assim muito mais facilmente fará recortes associativos entre a sala de aula, a música e sua própria vida.

Em seu projeto de pesquisa conclui que a idade mental convencionalmente definida não exerce nenhuma função nas manifestações culturais e no aprendizado de dança, teatro e música. Todas as faixas etárias, sem qualquer tipo de divisão, participam das atividades, que contavam também com interferências imprevistas dos participantes, denotando uma atmosfera de espontaneidade.

Madureira aponta também para o fenômeno da transmissão de conhecimento acontecer não só nas horas estipuladas, mas também tal relação entre mestre e discípulo acontecer nos momentos informais que antecedem à prática ou mesmo nos intervalos.

3.4 MURRAY SCHAFER

Quando ingressei na EMVL, confesso que encarei as aulas de instrumento em grupo, "como um mero recurso de otimização para atender mais alunos", esta atividade ainda inédita para mim, me deixou um pouco apreensivo, no sentido de achar que não

conseguiria abordar cada aluno, considerando suas particularidades, como se num grupo de quatro alunos, cada um ficasse com um quarto dos conceitos por mim explicitados.

Ao final do primeiro semestre, para minha surpresa, os resultados surpreenderam minhas expectativas. Pude observar na turma uma cumplicidade, uma troca de experiências entre os alunos que em muitos aspectos superou os cem por cento de tempo dedicado aos alunos nas aulas particulares. Neste caso, Schafer sugere uma autogestão da turma, que longe de adotar uma postura de afrontamento vai sobrepondo à figura do professor

"Não há mais professores, apenas uma comunidade de aprendizes"
(Schafer, p. 277, 1997).

O autor defende esta idéia sem atribuir ao docente uma postura de obsolescência, e propõe que alunos e professores se descubram mutuamente

"Uma aula deve ser uma hora de mil descobertas. Para que isso aconteça, professor e aluno devem em primeiro lugar descobrir-se um ao outro".
(Schafer, p. 277, 1997)

Schafer mostra que o fenômeno musical ocorre não somente nas performances, mas também atenta para a música ocorrente no cotidiano, usando a expressão "paisagem sonora" para descrever tal postura. Ele abandona qualquer tipo de hierarquia entre os sons, tal fica notório em sua narrativa, quando se remete ao tocar de uma campainha, e qualifica o seu som, algo que normalmente seria ignorado numa narrativa de um encontro com alunos

O educador combate a educação fragmentada e a preocupação excessiva com a técnica, convidando cada professor a sair de uma área de "conforto", onde cada atividade já tem seu percurso datado, propondo o *ensino no limite do risco*, passando para o aluno a idéia de dialética na construção dos propósitos. Esse limite do risco está muito bem

alinhado com a atenção para o momento presente e a possibilidade de se adotar criteriosamente linhas de fuga no decorrer do processo educativo.

Schafer (1991) faz uma advertência em relação à sua obra, dizendo que esta "é um relato pessoal de um educador musical e não o enunciado de um método para a imitação submissa" (SCHAFER, p.14 1991).

3.5 VIOLETA HEMSY DE GAINZA

Esta incursão pela esfera da improvisação, por Madureira acima citada, nos remete à Violeta Hemsy de Gainza que preza não somente a iniciação musical, mas sobretudo a livre expressão e defende que a educação, considerada como processo evolutivo, tem muitos aspectos comuns com a improvisação, tendo em vista que o ato de improvisar abriga experiência, conhecimento e destreza além de um amplo sentido emocional.

Na descrição desta habilidade, a autora insere a improvisação no cotidiano do aluno, e faz uma analogia desta com a linguagem verbal. Para tal, defende que o estudante poderia incluir em seus objetivos a possibilidade de um discurso musical usando idéias genuínas. Na intenção de se construir um caminho maduro até a improvisação musical, a autora prega a não separação entre a prática musical e a livre expressão.

Uma educação musical..., deveria brindar o indivíduo com a oportunidade de explorar livremente o mundo dos sons e de expressar com espontaneidade suas próprias idéias musicais. (GAINZA, p.11, 1986)

A autora nos mostra que o improvisador utiliza-se tanto do material musical interno quanto externo para improvisar, é importante salientar que estes focos interagem-se: o foco interno pode se tornar externo e vice-versa (Expressão e Absorção). Um bom exemplo para o foco interno seria o jogo vocal, e para o foco externo seria o jogo instrumental.

Nas aulas de violão, quando a questão da improvisação é apresentada, percebemos, num primeiro momento, um espanto com o tema e uma reluta por parte do aluno em

acreditar na idéia de que ele possa vir a improvisar. Em conversas informais com os alunos, notamos claramente que a idéia de improvisação remete o jovem músico à imagem do solista, que de alguma maneira esta associada ao virtuose, ficando o aluno com a sensação de defasagem em relação à esta expectativa montada. Neste momento todo trabalho é mostrar que a improvisação, como a própria Gainza define "é sinônimo de jogar musicalmente", e essa brincadeira, de maneira gradual tem seus desdobramentos tais como aproximação e contato como o instrumento, aquisição dos elementos da linguagem musical, desenvolvimento da criatividade e aprimoramento da técnica instrumental.

Gainza em sua metodologia abrange um leque aberto de procedimentos, indo da liberdade total à sujeição à regras escritas, estes procedimentos se diferenciam entre si pelo grau de consciência mental aplicado.

Uma vez que o aluno não mais ache a idéia de improvisar tão absurda, percebemos em primeira instância, que tanto liberdade total quanto a sujeição à regras, dificultam o discurso musical do aluno.

Nesses dois extremos, a total liberdade não oferece ao aluno, que ainda não confia em sua sensibilidade musical como improvisador, referências quanto as notas a serem tocadas, sendo essa extrema liberdade convertida em aprisionamento. No extremo oposto, tendo como material uma harmonia mais complexa por exemplo, que implicitamente abrigue muitas regras relativas ao braço do instrumento, o aluno não tem como internalizar tantas diferentes escalas para "atender" as mudanças de acorde e experimenta novamente a sensação de aprisionamento.

Bons resultados temos atingido com um caminho intermediário entre essas duas polaridades, ao se propor ao aluno, a principio uma digitação (abordada como desenho) de uma escala maior, a liberdade total cede ao aparecimento de fronteiras que fornecem um

sentido de referência, então esta escala é tocada aleatoriamente dentro de uma harmonia diatônica.

Entendemos que neste momento a idéia de *jogo* pode ser aplicada, no sentido do aluno, *memorizar* a digitação e solar em cima de um "*desenho*" por ele internalizado, com auxílio de visualização mental. Sendo a harmonia diatônica, percebemos os alunos fazendo uma relação do *desenho* das sete "notas boas" com o sentido musical. Neste princípio de ordem percebe-se um estudante mais confiante e entusiasmado.

Segundo Gainza existe uma preocupação excessiva com os temas que serão apresentados, alguns professores se esquecem de transmitir aos alunos naturalidade, alegria e confiança, a propósito, ela afirma que a convicção do executante é decisiva para que o discurso musical faça sentido.

O processo de improvisação visa tanto criar um modelo próprio quanto se basear em referências já pré estabelecidas. "O verdadeiro músico sabe perfeitamente a dosagem ideal entre as influências externas e o que vem de dentro" (GAINZA, p. 13)

CAPÍTULO 4

UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DA LINGUAGEM MUSICAL ATRAVÉS DA IMPROVISACÃO

Como base nos escritos de Gainza, e considerando a baixa auto estima dos alunos em relação a linguagem formal da música, desenvolvemos uma proposta de atividade a ser desenvolvida sobre a. abordagem da linguagem musical através da improvisação

Ao cursarmos a disciplina *Processos de Musicalização* e assistirmos ao vídeo de educação musical para professores das escolas públicas, que até então nunca tinham tido contato com notação musical e outros elementos. Concluimos após discussão em aula que quatro compassos de uma simples cantiga infantil (*Escravos de Jó*- exemplo do vídeo), além de seu valor intrínseco, abriga toda uma proposta de conscientização musical, através de pequenas e progressivas variações na estrutura melódica, a princípio propostas pelo professor e em seguida elaboradas pelos próprios alunos.

Tal fenômeno faz com que o aluno testemunhe o processo composicional, bem como oferece um vasto material para que o mesmo se inicie no processo de leitura e escrita musical, aqui representando o conteúdo deste programa.

Neste processo, a música acontece em primeira instância, para que depois dela se extraíam algumas referências, e aí então parte-se para o processo cognitivo.

Entendemos que haveria uma enorme lacuna na estratégia se prontamente partíssemos para a racionalização, sem que antes haja um trabalho no sentido de

potencializar as possibilidades musicais, aí surge a improvisação musical que pode nos levar a melhores resultados.

Seria aconselhável que estas atividades sejam precedidas por *propostas extramusicais*, justamente por estas conterem aspectos inerentes a existência dos alunos, neste caso, um bom exemplo seria a improvisação corporal.

Neste mesmo estágio inicial, a improvisação em grupo contribuiria muito para a descontração, sendo ela fator indispensável para que a autocensura fique distante. Na maioria destes exercícios convém aplicar propostas abertas, sem rigidez de formas, pois sem estas imposições, o aluno vislumbrará instantaneamente o sentimento de real autonomia criativa.

Para elucidar melhor a questão, a seguir encontram-se algumas sugestões de variação, por nós elaboradas sobre um tema (Chuva Vai- sugerido por Regina Márcia).

Não necessariamente a variação contém elementos teoricamente mais elaborados que o original, pode ocorrer que a nova idéia seja ainda mais simples, justamente para que também se aprenda a "desmontar o quebra-cabeça".

É de suma importância que alunos não sejam relegados a meros repetidores de idéias, e tenham participação efetiva no processo de criação, cabendo ao discente fugir dos processos aleatórios e ter claramente definido o material de cada atividade, os objetivos específicos e as técnicas que serão utilizadas.

Como recurso, poderia-se usar um gravador para que as idéias possam ser ouvidas e apreciadas, de maneira recorrente, por quem as criou.

Esta atividade não tem por objetivo dar um cunho especulativo ao tema principal, buscando desenfreadamente o máximo de variações possíveis, mas sim está a procura de algo extremamente lúdico que compreenda aspectos da linguagem musical,

Procuramos com música, para quem a aprende, que a informação não pode estar dissociada da criatividade, aqui representada pela improvisação.

Exemplos de possíveis variações sobre o tema.

Na primeira linha está o tema proposto.

Nos primeiros exemplos houve uma preocupação em enfatizar o relevo melódico, não sendo o ritmo alterado. Nos exemplos posteriores pode-se observar também variações rítmicas.

A primeira variação tem uma *dinâmica única* sem qualquer proposta adjacente, e propõe um total minimalismo melódico, mantendo-se todo o tempo a nota inicial, sendo o ritmo preservado. Através desta simplificação, o aluno pode perceber a existência de diferentes graus na melodia inicial. O que para uma criança poderia ser explicado como aquela "escadinha".

Uma vez observados, estes graus podem ser melhor entendidos se ordenarmos e fizermos uma arpejo (1,3,5,1). (Segunda Variação). Podemos esclarecer que esta ordenação foi criada para satisfazer uma necessidade meramente organizacional, não ditando qualquer regra para que uma melodia seja construída.

A terceira variação é muito similar à segunda, porém agrega a noção de oitava (1,3,5,8)..

A quarta variação, apresenta o mesmo arpejo finalizando com a sensível. Poderíamos perguntar a turma sobre a diferença de sensação do exemplo anterior para este, após ouvir os alunos, numa linguagem coloquial explicaríamos que o repouso no VII grau da escala maior gera um certo "desconforto" ao ouvinte que, mesmo intuitivamente, logo imagina, a resolução para a tônica. Para os instrumentistas, poderia ficar claro o emprego

do acorde com 7M, muito provavelmente o marco estético da Bossa Nova seria melhor entendido.

No quinto exemplo, faz-se alusão aos graus conjuntos, vai-se da tônica à sensível, porém esta resolve, e se termina com aquela inquietude do exemplo anterior.

A partir do sexto exemplo, o ritmo não permanece intacto, e a melodia é muito pouco alterada.

Começa-se tirando a síncope da idéia inicial para que o aluno possa comparar as duas frases e ter a nítida sensação do fenômeno.

O próximo exemplo é um desdobramento de anterior, coloca-se pausa no apoio dos dois primeiros compassos, e a noção de contratempo fica bem transparente.

O oitavo exemplo ilustra a quiáltera, ao se cantar sugira um movimento circular das mãos, que representa muito bem esta divisão.

O nono exemplo preserva parte do ritmo original alternando-o com a quiáltera para que se tenha uma melhor diferenciação.

E por fim, o próximo exemplo faz um deslocamento no início da melodia e introduz a noção de anacruse.

Na etapa de *avaliação*, devemos refletir sobre o nível de expressão alcançado, o aspecto artístico e educativo, bem como a retenção de conceitos que normalmente são transmitidos de maneira formal.

Nesta avaliação, mais especificamente, além dos aspectos acima relacionados, deveria-se fazer um paralelo, guardadas as devidas proporções, entre o discurso musical do aluno e a sua *própria fala*, numa conversa *informal com um amigo*.

TEMA PROPOSTO (autor desconhecido)

Chuva vai

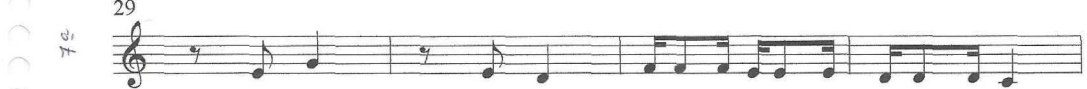
Chuva vem

Chuva miúda não mata ninguém



LETRA SIMILE

VARIAÇÕES



CAPÍTULO 5

POLOS AVANÇADOS

Sendo a única da rede pública estadual especializada em sua área, a Escola de Música Villa Lobos começou a ter dificuldades para atender a demanda de alunos, bem como identificou nos mesmos, salvo raras exceções, uma dificuldade de acesso ao centro da cidade, onde a escola se localiza, tal contratempo, se constituía num dos responsáveis pela evasão escolar, bem como mantinha longe da escola alunos em potencial, que certamente estariam estudando regularmente não fosse essa dificuldade.

Tendo em vista essas questões, a Escola vem procurando estender o atendimento, à população de outros municípios do estado, através de convênio com as prefeituras locais, para tanto, introduziu em 1996 o programa de Pólos Avançados, que implementa o curso Básico (em parte ou na sua totalidade) nessas regiões do Estado. Tal projeto já atende mais 2500 alunos, que contribuem em média com uma taxa mensal de R\$ 10,00.

Nesta parceria a Escola se encarrega de toda a parte pedagógica e inspetoria, ficando as prefeituras com as demais atribuições. Interessante notar que os professores contratados, na maioria dos casos, são oriundos destes mesmos municípios, e obviamente lecionam consoantes aos propósitos pedagógicos da escola, para isso a escola viabiliza constantes treinamentos e reciclagem.

4.1 PÓLOS EXPERIMENTAIS

Em caráter experimental, os primeiros Pólos implementados foram Nova Iguaçu, Resende, Cabo frio, Niterói. e Marechal Hermes, este último responsável pela fonte de

coleta de dados referentes aos Pólos Avançados presentes neste trabalho, visto que minha atividade como professor, lá ocorreu durante esta pesquisa. Com relação a extinção deste Pólo, posso atestar que o Teatro Armando Gonzaga, local onde o Polo exercia suas atividades, disponibilizou apenas uma sala de aula para uso integral, o que segundo o nosso coordenador André Andrade, "impossibilita a interação entre as disciplinas. Professores e alunos ficam cerceados de observarem outras aulas, o que dificulta o acesso a novos modos de lecionar ou aprender. Estamos com crescimento comprometido, pelo fato de não podermos oferecer novas turmas."

Em nossas visitas, observamos a não mobilização dos funcionários do teatro no sentido de viabilizar o crescimento do Pólo, bem como estes funcionários estavam incumbidos de funções relativas a outras atividades ocorrentes no espaço.

"O fenômeno educacional transcende a escola, deve ganhar as ruas. Quanto mais a proposta educacional for incluyente e reivindicar participações até do pessoal não especializado, mais se favorecerá a conscientização de todos quanto ao sentido global da educação"(Ribeiro,1986,p.48).
RIBEIRO, Darcy. *O livro dos CIEPs*. Rio de Janeiro, Bloch, 1986.

A sede não pode mobilizar uma secretária que fizesse um atendimento no local, por várias vezes minhas aulas foram interrompidas por pessoas ávidas por informações mas que infelizmente, eu não poderia dar a devida atenção.

A seguir o depoimento de dois alunos:

"O curso foi bastante proveitoso, aprendi muitas coisas que me enriqueceram e despertaram em mim o desejo de aumentar meus conhecimentos musicais, o que foi de extrema importância para mim como músico, porém a infra-estrutura oferecida aos alunos deveria ser mais ampla, pois apesar de termos excelentes professores, tanto de teoria como de prática instrumental, o sistema organizacional do curso em si não nos possibilita

melhorias maiores... deveríamos ter mais espaço para as aulas, essa falta de espaço causou a desistência de muitos alunos..."

Leandro Ramos Albino, 19 anos

"O curso de música Villa - Lobos é um dos melhores cursos de música que existe no Rio de Janeiro poderia ser até melhor, mas o governo não investe na música . Com a paciência dos professores para ensinar as suas matérias foi fundamental para eu não abandonar o curso, como muita gente fez. Pena que estas pessoas abandonaram, pois perderam um pouco da cultura . Eu adorei as aulas de Pratica Instrumental(violão), pois era a coisa que eu mais queria aprender. Em LEM(leitura e escrita musical) tive base de tudo, esse curso é muito importante para quem quer seguir a carreira de musico, eu aconselharia qualquer pessoa a fazer . É raro, ter um curso que pertence ao estado que seja tão bom quanto o Villa – Lobos, e ainda querem extinguir o polo que tem em Marechal Hermes para a comunidade mais carente da zona Oeste. A comunidade não luta por ter uma escola de musica, ou melhor a mídia não divulga essas escolas, a mídia não defende o interesse do povo, pois muitas pessoas não sabem que tem (tinha) Escola de Musica Villa Lobos em Marechal .Hermes"

Renan Mendonça, 14 anos

Analisando o relatório das atividades deste Pólo, feito pelo próprio coordenador, percebi, a despeito dessas restrições, um aumento em trinta por cento na procura por uma vaga. É importante também que se diga que um dos alunos por que lá passaram, hoje faz parte do corpo docente do Pólo Avançado de Barra de São João, seu nome é Estevão Daudt Júnior.

4.2 PÓLOS AVANÇADOS ATUAIS

A Escola de Música Villa Lobos já respaldada pela experiência adquirida com os Pólos experimentais, atualmente possui os Pólos de Xerém, Paracambi, Rio das Ostras

Casemiro de Abreu e Miracema.

4.2.1 INCENTIVO VINDO DA MPB

O Pólo de Xerém, distrito de Duque de Caxias, graças ao convênio assinado entre a Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ), presidida pela atriz Beth Mendes, e o criador do Instituto de Educação Artística de Xerém, o cantor e compositor Zeca Pagodinho, que investiu R\$ 50.000 na aquisição de uma área de 1000 metros quadrados, construção de um prédio e na compra de instrumentos. Na avaliação de Zeca, o convênio, "é muito bom para nossas crianças, pois elas vão estudar música e animar a nossa rua. Assim, vai ser uma rua muito alegre. É isso que a gente deseja, mais nada". E ressaltou: "A música é de Deus, e Deus é da gente" (site da FUNARJ)

4.2.2 MAIOR PÓLO

A Escola de Música Villa Lobos em Paracambi se constitui no maior Polo Avançado do Estado e possui hoje cerca de 1000 alunos, se constituindo numa conquista para o setor cultural de Paracambi, por atrair interessados em música de toda a região.

Como em todos os Pólos, este atenderá não só pessoas que lidam com música e têm o interesse de se transformar em um profissional da área, como também quer atingir todo um público que não escolheu a música como profissão, mas querem dar um sentido estético à sua vivência.

CONCLUSÃO

Com relação ao Projeto dos Pólos Avançados, seria reducionismo se pensar nas dificuldades de acesso dos estudantes de comunidades afastadas, meramente como uma questão de localização, ou mesmo carência no sistema de transporte, é importante mencionar que mesmo que esse acesso físico fosse facilitado, ainda assim, permaneceria a dificuldade da escola em desenvolver programas culturais pertinentes e adequados às comunidades em questão, uma grande lacuna permanece a medida que a escola não participa do dia a dia desses grupos sociais.

"Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: VI- articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola" (A Reforma do Ensino: Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/1996, Art 12 inciso VI).

Desta forma concluímos a fundamentalidade do Projeto dos Pólos Avançados, que através da descentralização do ensino, vem democratizando as vias de acesso ao estudo da música. Tendo como diretriz *aprofundar o auto conhecimento e fugindo dos métodos que propõem a massificação.*

Nesta atividade integrada com a comunidade ressaltamos a importância, de uma estrutura local mínima de gestão escolar, em contrato prevista.

Afirmamos que o divisor da águas entre a Escola interromper suas atividades no local, ou continuar crescendo, é diretamente proporcional ao nível de engajamento da gestão de cada Pólo dessas comunidades.

Na esfera pedagógica, após nos remetermos a vários autores, podemos afirmar que Escola de Música Villa Lobos, uma instituição considerada ainda tradicional, possui em seu Projeto Político e Pedagógico, traços evidentes de uma linha pedagógica progressista, que valoriza o material que muitas vezes o aluno já traz (currículo oculto) e propõe uma linha de continuidade, sem rupturas bruscas.

BIBLIOGRAFIA

- A Reforma Do Ensino: Nova Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional*, Leis 9394/1996 e 9424 /1996, Rio de Janeiro Auriverde
- FUNARJ- EMVL- *Regimento Interno*, Rio de Janeiro, 2000 [S.n]
- FUNARJ- EMVL- *Regulamentos e programas*, Rio de Janeiro, 1998 [S.n]
- FUNARJ- EMVL- *Manual do Aluno*, Rio de Janeiro, 1999 Rio de Janeiro [S.n]
- BERGAMINI, Claudio e GOULART Diana *Elementos da Música* 1992 p.5)
- KOELLREUTER artigo “O ensino da música num mundo modificado” S.n
- SANTOS artigo Aprendizagem Musical Não Formal em Grupos Culturais Diversos”.
Extraído Caderno de Estudo: Educação Musical ,1991
- SANTOS, Regina M. S. A Natureza da Aprendizagem Musical e suas Implicações Curriculares - análise comparativa de quatro métodos. Fundamentos da Educação Musical, Porto Alegre 1994
- MADUREIRA Antônio. *Iniciação à Música do Nordeste*, Projeto de Pesquisa
- GAINZA, Violeta. *La improvisación musical*. Ricordi. Buenos Aires 1983. ...
- SCHAFER, Murray *O ouvido Pensante* São Paulo, Unesp, São Paulo
- SWANWICK, *Permanecendo fiel à Música* , artigo publicado na revista do 2º encontro anual da ABEM, 1993
- DUARTE JR João Francisco. *Porque arte-educação?* Papirus Editora Campinas SP 1991 coleção Ágere
- MARCELO BARBOSA E KADU MACHADO *Dissonância- Escritos sobre música e outros ruídos culturais* - - Editora Algo a dizer 1998

Entrevista de Helder Parente concedida à Jorge Coelho Filho e Ruth de O de Paulo
Matéria no Jornal O dia - caderno D/ dia 24/12/00 por Rose Maria

SCHUMPETER, Joseph A.: *Teoria do Desenvolvimento Econômico*; Coleção OsEconomistas;
editora Abril Cultural; 1982.

ARISTÓTELES *metafisica* **Aristóteles, Metafisica**. Editora Globo de Porto Alegre,
Biblioteca dos Séculos, tradução de Leonel Valandro, 1969.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido*. Cia das Letras 1989

Portais na Internet consultados

www.funarj.rj.gov.br
www.baixadaonline.com.br
www.google.com

O popular e o erudito caminham ao encontro do seu público

A Escola de Música Villa-Lobos abre espaço para espetáculos, cria núcleos de ensino e se torna opção de lazer

João Pimentel

Os amantes da boa música podem aplaudir de pé e pedir bis. A Escola de Música Villa-Lobos abre suas portas para a música popular, oferecendo cursos, shows e criando núcleos avançados, cujo objetivo é aproximar a escola das regiões mais carentes da cidade.

Esta abertura faz parte da segunda etapa de um processo de renovação que se iniciou há um ano com a posse do diretor, Marcos Nogueira. Professor de composição, Nogueira, de 32 anos, revigoreou o curso de percussão do mestre Bituca, onde se formou toda uma geração de bateristas, deu ênfase aos cursos para crianças e para a terceira idade e idealizou uma escola onde o popular e o erudito caminham juntos.

— A escola se propõe a atender não só às pessoas que vêm em busca de um aprimoramento, mas a formar profissionais voltados para o mercado de trabalho — explica o diretor.

Entre os cursos profissionalizantes oferecidos estão os de regência, arranjo e orquestração, técnica em instrumentos e editoração eletrônica de partituras.



ALUNOS DA ESCOLA participam de uma aula na Villa-Lobos: devido à procura, novos núcleos foram abertos em diversos pontos da cidade

Mas a novidade mesmo fica por conta da aproximação da escola com o público externo. Uma série de shows está agendada para o mês de abril e, paralelamente a essas apresentações, estará acontecendo uma feirinha de livros específicos de música e CDs raros no mercado.

A série de shows "Encontro

de mestres" começa no dia 8, segunda-feira, com a apresentação de Alfredo Machado (violão), Luiz Medina (sax) e Alexandre Magalhães (baixo), que estarão tocando jazz e MPB. A programação continua no dia 10 com o show do Tocaia Trio. Estão programadas ainda apresentações de música flamenca, erudita e

chorinho, dando o tom de diversidade da escola.

Para o mês de abril também está programada a inauguração do primeiro de uma série de núcleos avançados da Escola Villa-Lobos — o de Marechal Hermes. O núcleo funcionará no Teatro Armandinho Gonzaga, na Avenida General Cordeiro de Farias 511,

e atuará como uma extensão do espaço da escola.

— Estamos com um excelente de alunos e os núcleos foram a maneira que encontramos de continuarmos atendendo à população — justifica Nogueira.

A escola fica na Rua Ramalho Ortigão 9. Informações pelo telefone 221-7879.

Cezar Loureiro

Resende implanta Bibliotecas Rurais

Resende - A prefeitura de Resende, através da Fundação Casa da Cultura Macedo Miranda, iniciou o Projeto Bibliotecas Rurais, cujo objetivo é abastecer as escolas distantes da cidade, com mini-bibliotecas. As duas primeiras escolas beneficiadas estão localizadas na Serrinha do Alambari e na Capelinha. "O projeto visa, principalmente, dar apoio ao aluno que tem que pesquisar para fazer suas tarefas escolares, mas não tem como recorrer à Biblioteca Municipal de Resende, no Paço Municipal, que fica no Centro da cidade", disse a presidente da Fundação, Celina Whately.

Outra finalidade do Projeto - de acordo com a presidente - é a de desenvolver o hábito de leitura entre os estudantes, fazendo com que se distanciem um pouco mais da televisão e busquem o enriquecimento cultural. Ela adverte que os livros também estarão ao alcance de toda a comunidade. "Para isso, vai ser instituído o empréstimo das obras, controlado pela responsável pela Biblioteca, que estabelecerá seu horário de funcionamento.

Cada mini biblioteca é composta por cerca de 80 livros, dos mais variados assuntos. "Há títulos infantis, didáticos, além de romances, almana-

ques e enciclopédias", cita Celina. Ela não tem dúvidas, no entanto, de que o projeto vai necessitar de doações para ter condições de atender bem toda a Zona Rural: "Os interessados podem nas procurar na Fundação, diariamente. Ou obter maiores informações pelo telefone (024) 354-3801", lembra a presidente.

TRIBUNA DOS MUNICÍPIOS



Escola de Música Villa Lobos terá núcleo em Resende

Resende - A Escola de Música Villa Lobos, sediada no Rio de Janeiro, e uma das mais tradicionais do país, vai abrir um núcleo avançado em Resende. A decisão será selada oficialmente no próximo mês, durante assinatura de um convênio com a Prefeitura. A cerimônia, contará também com o presidente da Telerj, Danilo Lobo. Na oportunidade, Lobo, o prefeito Eduardo Mehoas, e a presidente da Fundação Casa da Cultura Macedo Miranda, Celina Whately, acertarão um acordo de comodato, que prevê a cessão, por parte da Telerj, de sua antiga sede, na Rua Cunha Ferreira, Centro, próxima à Câmara Municipal, para sediar o núcleo avançado. O diretor da Escola Villa Lobos, Marcus Nogueira, visitou o espaço cedido pela Telerj, que também funcionará como "Casa de Artesão" para a venda de peças produzidas por artistas da região. "É um excelente espaço, e temos como aproveitá-lo muito bem", analisou o diretor. Sua perspectiva é a de que a Escola acolha pelo menos 200 alunos. O valor das aulas ainda não está

definido, mas será bem acessível - o equivalente a R\$ 20,00 ou R\$ 25,00 por mês.

As aulas - incluindo de canto - serão abertas para pessoas de todas as idades. "Todos terão acesso livre a qualquer instrumento de seu interesse até que encontre aquele com que mais se identifique", disse Marcus Nogueira. Fundada há 45 anos, a Escola de Música Villa Lobos pertence à Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (Funarj), por onde passaram alguns dos principais músicos do Brasil, como o clarinetista Paulo Moura. A sede da escola fica na Rua Ramalho Urtigão, Centro, e tem cerca de 2 mil alunos.

Além do núcleo de Resende, a Escola tem outros quatro funcionando no Estado. Marechal Hermes (Zona Norte do Rio), Cabo Frio, Niterói e Nova Iguaçu. Os violonistas Cláudio Menandor e Marcus Lirerena, o pianista Ricardo Lobo e o baixista Guino deverão atuar como professores no núcleo da Villa Lobos em Resende. Os cursos deverão ter início tão logo sejam assinados os contratos.

DE 29 A 05 DE NOVEMBRO

DE 29 A 29 DE OUTUBRO

Escola Villa Lobos vai ter núcleo em Resende

Entidade, que fica no Rio, formou alguns dos maiores músicos do país

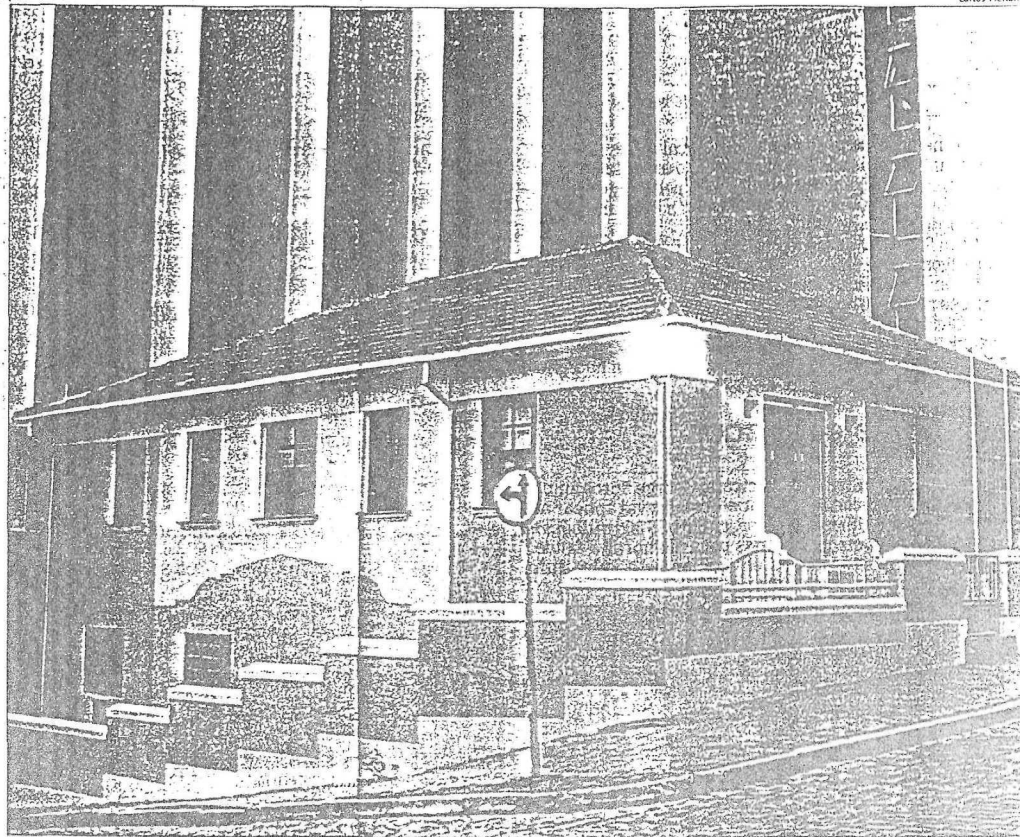
A Escola de Música Villa Lobos, uma das mais tradicionais do país e sediada no Rio de Janeiro, abrirá um núcleo avançado em Resende. A decisão será oficializada no mês que vem, durante assinatura de um convênio com a prefeitura. Vão participar da cerimônia o prefeito Eduardo Meohas, a presidente da Casa de Cultura Macedo Miranda, Celina Whately, e diretores da Telerj, que acertarão um acordo de comodato prevendo a cessão, por parte da empresa, de sua antiga sede - situada na rua Cunha Ferreira, Centro, próximo à Câmara de Vereadores - para receber o núcleo.

O diretor da Villa Lobos, Marcus Nogueira, visitou o espaço cedido pela Telerj e que também funcionará como "Casa do Artesão", para venda de peças produzidas por artistas da região. "É um excelente espaço, e temos como aproveitá-lo muito bem", analisou Nogueira. A perspectiva é que a escola acolha pelo menos 200 alunos. O valor das aulas ainda não está

definido, mas a idéia é torná-las bem acessível - com preço girando em torno de R\$ 20,00 ou R\$ 25,00 por mês.

As aulas, incluindo a de canto, serão abertas a pessoas de todas as idades. "Todos terão acesso livre a qualquer instrumento de seu interesse, até que encontre aquele com que mais se identifique", disse Nogueira. A instituição deverá ter como professores os violonistas Cláudio Menandro e Marcus Llerena, o pianista Ricardo Lobo e o baixista Guino.

Fundada há 45 anos, a Escola de Música Villa Lobos pertence à Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (Funarj), por onde passaram alguns dos principais músicos do Brasil, como o clarinetista Paulo Moura. A sede está localizada na rua Ramalho Urtigão, Centro do Rio, e tem cerca de 2 mil alunos. Além do núcleo em Resende, a Villa Lobos já tem outras filiais funcionando no estado, em regiões como Marechal Hermes, na Zona Norte do Rio; Cabo Frio, Niterói e Nova Iguaçu.



Espaço: Núcleo da Villa Lobos será instalado na antiga sede da Telerj

Carlos Menandro

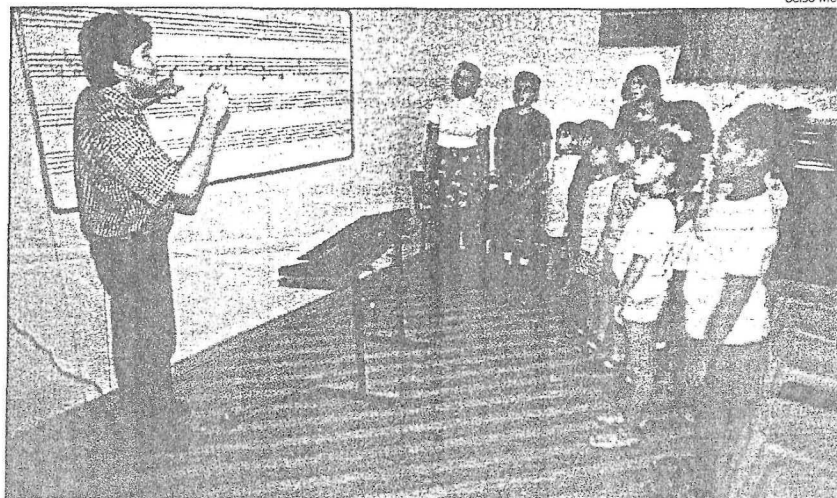
Baile de afinação em Marechal Hermes

Novo núcleo da Escola de Música Villa-Lobos oferece curso básico aos moradores do bairro

Uma espécie de filial da Escola de Música Villa-Lobos — a única inteiramente dedicada ao assunto em todo o Estado do Rio — está funcionando em Marechal Hermes. Com o objetivo de facilitar o acesso dos moradores da região ao ensino da música e triplicar o número de alunos da escola em pelo menos um ano, o diretor da instituição, Marcos Nogueira, assinou convênio com a Funarj para a implantação do projeto Núcleos Avançados. O local cedido pela fundação foi o Teatro Armando Gonzaga, no centro de Marechal Hermes, onde uma sala exclusiva para ensaios e o próprio palco servem de sala de aula aos alunos.

— A idéia precisava ser viabilizada de qualquer forma. A procura era muito grande nesta área, mas a maioria das pessoas tinha dificuldade de se locomover até o Centro. Agora, o problema está resolvido — afirma Nogueira.

Funcionando também no Museu do Ingá, em Niterói, o projeto de Marechal Hermes conta atualmente com cinco



Celso Meira

O DIRETOR DA ESCOLA, Marcos Nogueira, e os alunos do coral: aulas gratuitas para integrar a comunidade

professores, que estão atendendo aos 60 alunos matriculados, divididos nos três cursos do primeiro módulo (infantil, juvenil e adulto). No início de junho, mais três turmas de primeiro módulo serão abertas, dando continuidade ao projeto. Cada módulo custa R\$ 60.

— No total, os alunos passam por cinco módulos de três meses cada e saem daqui com formação básica em música. Para o futuro estamos estudando a implantação de cursos de especialização, que hoje só podem ser realizados na sede da escola (na Lapa), por total fal-

ta de infra-estrutura. Por enquanto, nossa idéia é dar todo o embasamento ao aluno — diz Nogueira.

Além de aulas teóricas sobre história da música e prática de instrumentos diversos, os alunos também participam de corais, orquestra de sopros e

percussão e bandas de rock. As matérias fazem parte do currículo, mas os que desejarem podem continuar integrando os grupos nos horários vagos.

— Experimentando um pouco de cada instrumento o aluno pode despertar para sua verdadeira vocação. Este é o nosso interesse — diz o diretor da escola.

Além do projeto Núcleos Avançados, a Escola de Música Villa-Lobos também está promovendo, gratuitamente, a formação de corais comunitários infantil e adulto na região. O objetivo é chamar a atenção das pessoas para a música, sem que haja qualquer tipo de compromisso com a formação acadêmica.

— A única coisa que os moradores precisam fazer é vir aos ensaios do grupo. É uma confraternização de vizinhos — brinca Nogueira.

No ano que vem, o diretor pretende levar o projeto a outras cidades do estado, como Cabo Frio e Teresópolis.

— Já estamos em entendimentos — garante. ■



PLANOS. Instituto de Educação Artística vai abrir 70 vagas a partir de janeiro. Zeca Pagodinho desenvolve projeto para formar uma banda com os atuais alunos (foto). Ele investiu R\$ 50 mil na construção da escola

DIVERSIFICANDO ATIVIDADES

Escola de música dirigida por Zeca Pagodinho, em Xerém, terá turmas de artes e dança em 2001

ROSE MARIA

Além de aulas de música, o Instituto de Educação Artística de Xerém, em Duque de Caxias, presidido pelo cantor e compositor Zeca Pagodinho, vai oferecer em 2001 aulas de dança e teatro. O anúncio foi feito pela professora Grace Barros, que coordena a Escola de Música Mata Virgem do Instituto, um dos três núcleos avançados da escola de Música Vila-Lobos, inaugurado em agosto.

A escola de música tornou-se um colégio público regular de artes. Para 2001, serão 40 novas vagas para musicalização e 30 para leitura e escrita musical. As inscrições vão até 31 de janeiro.

Grace informou que no ano que vem começam as aulas práticas de violão, cavaquinho, violino, teclado e piano. Se este ano os professores Ro-

berto Fontes e Wagner Rocha dedicaram-se a ensinar teoria musical aos 70 alunos, no primeiro semestre do próximo ano começam as aulas práticas. Rocha, que ensina técnicas vocais, pretende formar um coral com 60 pessoas.

Mas os projetos de Zeca Pagodinho são maiores. "Vamos formar a banda de Xerém", diz o embaixador do quarto distrito de Caxias. Ele investiu R\$ 50 mil na compra da área de mil metros quadrados, construção do prédio e aquisição dos instrumentos. A prefeitura repassa R\$ 4 mil mensais para pagar professores e funcionários. "É bom para a vida dessas crianças e para a gente poder desfrutar isso. Meus três filhos estudam aqui. De repente, posso tocar do lado deles, que estão com 9, 11 e 13 anos. Se eu tiver trabalhando até lá, quem sabe posso aproveitar novos valores", brinca Zeca.



DEDICAÇÃO. Douglas começou batendo em latas e, agora, é baterista

Talento descoberto na infância

■ Quando tinha 9 anos, Douglas Pereira da Silva, hoje com 13, improvisava uma bateria com latas de leite em pó vazias e galhos de árvore. Agora que estuda bateria na Escola de Música Mata Virgem, Douglas não sabe explicar o que sente. Só sabe que não quer parar por aí. "Quero aprender a tocar cavaquinho", diz.

A mãe de Douglas, Celi Pereira da Silva, 54 anos, lembra que o menino batucava em móveis, no portão da casa, onde fosse, mas as dificuldades financeiras impediam Celi de pensar em colo-

car Douglas numa escola de música. Hoje, estudam na Mata Virgem três de seus 12 filhos. "Não pago nada. Se tivesse que pagar, não dava. Meu marido vive de biscoites", explicou Celi.

Oílício Duarte, 17 anos, é outro que não sai da escola. Quando entrou para a Mata Virgem, já tocava sax, trompete e piano e, em seis meses, aprendeu a lidar com clarinete e flauta transversa. "É por causa do livre acesso que a gente tem aos instrumentos, que a gente não encontra com facilidade, ainda mais em Xerém", explicou Oílício, um dos monitores da escola de música. Oílício quer seguir carreira militar, desde que fique na banda de Fuzileiros Navais.